

Fenomenologia: uma abordagem metodológica para as pesquisas qualitativas

*Phenomenology: a methodological
approach for qualitative research*

Arthur Furtado BOGÉA¹

Resumo

O presente trabalho busca fazer uma análise a partir de pesquisa bibliográfica, sobre a fenomenologia como uma possibilidade metodológica para as pesquisas qualitativas. Assim, trabalha alguns princípios relacionados à pesquisa qualitativa e sua importância para a produção do conhecimento científico. Busca examinar a fenomenologia enquanto proposta teórica para fundamentar as pesquisas científicas, comentando alguns dos seus principais conceitos e tenta fazer uma relação entre fenomenologia enquanto abordagem metodológica e pesquisa qualitativa como forma de compreender os fenômenos experienciados no mundo.

Palavras chaves: Pesquisa qualitativa. Fenomenologia. Experiência. Fenômeno.

Abstract

The present work seeks to make an analysis based on bibliographic research on phenomenology as a methodological possibility for qualitative research. Thus, it works some principles related to the qualitative research and its importance for the production of the scientific knowledge. It seeks to examine phenomenology as a theoretical proposal to base scientific research, commenting on some of its main concepts and tries to make a connection between phenomenology as a methodological approach and qualitative research as a way to understand the phenomena experienced in the world.

Keywords: Qualitative research. Phenomenology. Experience. Phenomenon.

Introdução

As pesquisas científicas são importantes para o desenvolvimento de uma sociedade. De modo geral, independente da abordagem, as pesquisas têm papel

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: arthurboga@gmail.com

fundamental no modo de vida e de organização das sociedades. São instrumentos no combate de doenças, desenvolvimento tecnológico, desenvolvimento social, combate a violência, desigualdade e construção de uma sociedade mais igualitária.

Não se pode falar que uma determinada abordagem científica encerra em si tudo sobre determinado objeto pesquisado, pois as pesquisas científicas estão em um processo permanente e inacabado, buscando novos objetos e revisitando objetos já pesquisados. Tudo isso é parte da própria dinâmica social, afinal a sociedade não é um ser estático e acabado, ao contrário, ela está sempre se modificando em um processo dinâmico e constante.

Nesse sentido, este trabalho busca trazer alguns conceitos relacionados à fenomenologia como abordagem metodológica para as pesquisas qualitativas. Essa modalidade de pesquisa surge como uma proposta de investigação científica que possibilita ao pesquisador maior participação na relação com o sujeito pesquisado e apropriação do próprio processo de pesquisa, bem como dos resultados obtidos. Pode se dizer que na pesquisa qualitativa não se tem cobaias e sim coautores no processo de construção do conhecimento.

O trabalho parte de uma breve análise sobre o que a pesquisa qualitativa e sua importância para a produção científica. Aponta a pesquisa qualitativa como uma das alternativas para as pesquisas científicas, na qual a pesquisa não está presa a um rigor de objetividade trazido pelo positivismo. A pesquisa qualitativa vai além do empírico, daquilo que está posto. Ela busca adentrar nas subjetividades dos sujeitos pesquisados, pois é aí que talvez esteja as maiores informações a respeito do pesquisado.

No segundo momento faz uma análise sobre os principais conceitos abordados na fenomenologia como corrente teórica. Mostra que a fenomenologia apresenta uma nova maneira de pensar que busca romper com as explicações causais empíricas a respeito da compreensão dos fenômenos pelos sentidos.

Assim, mostra que a fenomenologia pode ser entendida como um método que busca tornar manifesta as essências dos fenômenos experienciados no mundo-da-vida. O sentido da fenomenologia não se altera, mesmo diante da multiplicidade de experiências manifestas e olhares que perpassam os fenômenos, pois está interessada nas coisas em “si mesmo” e não sobre o que já se tem sobre esse fenômeno.

Na terceira parte, o trabalho descreve como a fenomenologia pode ser usada como metodologia para as pesquisas qualitativas. Mostra, resumidamente, alguns caminhos que podem auxiliar o pesquisador que adote esta referência de pesquisa para seus estudos. Assim, busca fazer a relação entre a fenomenologia e a pesquisa qualitativa, bem como mostrar a importância dessa abordagem para as pesquisas científicas.

As pesquisas qualitativas para a produção científica

A produção científica como instrumento de construção do conhecimento ao longo da história, mostrou-se inserida em um debate de (auto) afirmações de abordagens teórico-metodológicas como produtoras de “verdadeiras ciências” e, desse modo, produtoras de um conhecimento verdadeiramente científico. Nesse contexto, ocorre uma hierarquização entre as ciências, uma vez que esta passa a ser configurada a partir de uma perspectiva de técnicas com proposições e procedimentos voltados para uma produção utilitarista do conhecimento, anulando a dimensão histórica da própria ciência.

Demo (2012), mostra que algumas abordagens científicas tomam a realidade apenas como objeto, como se não existisse nenhum tipo de interação entre pesquisador e pesquisado. Essa forma de ver e fazer ciência cria uma obsessão pela objetividade no modo de fazer ciência, assim como uma radical neutralidade do pesquisador em relação a esse objeto.

Vista desse modo, a ciência passaria a se preocupar com o que o mundo “é de fato”, ou seja, com aquilo que pode ser definível, determinado, controlado e observado. A verdade científica precisava ser objetivada. Assim, quanto mais rigorosos os procedimentos de pesquisa científica, mais verdadeira seria a ciência produzida. Nessa perspectiva, o positivismo se apresentou com uma rigorosidade metodológica que seria capaz de produzir um “verdadeiro conhecimento científico”.

No entanto, segundo Demo (2012), a pesquisa científica não deve partir de uma perspectiva generalizante, na qual trate toda a realidade do mesmo modo, por exemplo, pesquisar fósseis da mesma forma que pesquisa viagens espaciais ou qualquer outro sujeito pesquisado. O fenômeno pesquisado pode interagir e influir na pesquisa, uma

vez que as subjetividades do fenômeno são importantes para o processo de compreensão.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa surge como uma possibilidade de investigação científica diferente das abordagens empíricas, passando a dar um novo significado à pesquisa. Segundo Godoy (1995), nessa abordagem o fenômeno deve ser compreendido dentro do contexto ao qual faz parte, sendo analisado por uma perspectiva integrada.

Garnica (1997) aponta que a pesquisa estaria inserida em uma trajetória circular em torno do que se deseja compreender. A compreensão para as pesquisas qualitativas acontece na relação do pesquisador com as coisas do mundo no qual está inserido. O pesquisador não está fora do espaço dos homens, mas inserido nele. Os fenômenos lhe são dados à consciência através do mundo do qual faz parte e não podendo se desprender dela. O pesquisador não pode se isolar em um “mundo não real”, ele sempre estará imerso no contexto real dos fenômenos que serão compreendidos pela pesquisa.

É no mundo real que a pluralidade presente nos fenômenos pode ser percebida. Flick (2014) aponta que a relevância da pesquisa qualitativa, principalmente para as pesquisas voltadas às relações sociais, se dá devido a pluralização das esferas da vida. Devido a essa pluralização e as múltiplas formas de se perceber os fenômenos, é exigido uma nova forma de estudar os fenômenos.

O fenômeno se mostra no mundo real, porém a análise feita pela pesquisa qualitativa não ocorre em um primeiro olhar ao fenômeno. A pesquisa qualitativa buscará sucessivamente estudar esse fenômeno de forma rigorosa e atenta, buscando ver além da aparência e insistindo na busca das características essenciais que formam o fenômeno estudado e que estão além do que é visto.

Bicudo (1994) mostra que nesse sentido, o fenômeno já não pode ser visto como algo objetivo que possa ser explicado por uma série de métodos e técnicas que cheguem a resultados presos em uma relação de causa e efeito. O próprio pesquisador não possuirá uma neutralidade em relação à pesquisa, uma vez que ele atribuirá significados a partir de uma experiência da sua consciência através da relação de interação com o fenômeno.

Assim, nas pesquisas qualitativas os dados coletados são predominantemente descritivos, partindo da análise do pesquisador e de sua compreensão do todo para a

reflexão sobre aquilo que pode ser ou não elucidado. Garnica (1997) aponta que nas pesquisas qualitativas não se chega a conclusões, mas à construção de resultados, uma vez que devido a multiplicidade de formas de compreensões, estas não se encerram e, dessa forma, nunca poderão ser definitivas.

Destarte, Demo (2012) fala que dependendo da maneira como o pesquisador vê o fenômeno, a pesquisa qualitativa torna-se mais nítida, pois é aquilo que está evidente que será interpretado em uma relação entre sujeito e objeto e não como apenas um objeto de pesquisa. O pesquisador não conseguirá analisar e compreender o fenômeno se não se tornar parte do processo, ou seja, ao mesmo tempo em que o pesquisador analisa o objeto ele é parte do mundo daquele objeto. Não existe, na pesquisa qualitativa, essa separação radical entre aquele que pesquisa e aquele que é pesquisado.

O pesquisador, segundo Bicudo (1994), seria o sujeito que está inserido em um processo de percepção de si mesmo e da realidade na qual está relacionado, percebendo essa realidade como uma multiplicidade de possibilidades de compreensões, sem se prender só a objetividades e concretudes, uma vez que a pesquisa qualitativa está preocupada em compreender fenômenos e não realidades objetivas, ou seja, a pesquisa qualitativa não se dirige unicamente aos fatos como se apresentam.

Por essa ligação com os fenômenos, a pesquisa qualitativa aproxima-se da fenomenologia, uma vez que esta última se preocupa em estudar como os fenômenos se manifestam através do tempo e do espaço, buscando a essência das coisas como são percebidas no mundo. Portanto, a pesquisa qualitativa, a partir de uma abordagem fenomenológica, é uma investigação científica com foco no caráter subjetivo do objeto analisado, estudando as suas particularidades e experiências individuais.

Um olhar sobre a Fenomenologia

A fenomenologia surge na Alemanha e tem como seu fundador Edmund Husserl (1859-1938). Entre os pensadores que seguiram as influências do pensamento fenomenológico husserliano podemos destacar Martin Heidegger (1889-1976), Emmanuel Lévinas (1906-1995), Jean-Paul Sartre (1905-1980), Maurice Merleau-Ponty (1907-1960) e Paul Ricoeur (1913-2005). Segundo Sokolowski (2012), a fenomenologia influenciou muitos movimentos filosóficos e culturais ao longo de sua

trajetória por todo o mundo, como por exemplo a hermenêutica, estruturalismo, formalismo literário e desconstrutivismo.

A fenomenologia é o estudo da experiência humana e dos modos como as coisas se apresentam elas mesmas para nós em e por meio dessa experiência. Tenta restabelecer o sentido da filosofia encontrado em Platão. É, além disso, não só uma revivificação de antiquário, mas algo que confronta as questões levantadas pelo pensamento moderno. Vai além dos antigos e modernos, e se esforça por reativar a vida filosófica em nossas circunstâncias presentes. (SOKOLOWSKI, 2012, p. 10).

A partir dessa conceituação da fenomenologia, entende-se que ela surge como uma nova proposta metodológica para fundamentar tanto a filosofia como as ciências em sua totalidade. O método fenomenológico, segundo Bicudo (1994) vai romper com a “explicação causal” dos fenômenos feita nos moldes do positivismo.

O positivismo busca responder aos fenômenos a partir de um padrão de objetividade e neutralidade. A objetividade é baseada na qualificação do pesquisador e das técnicas de pesquisa e a neutralidade está baseada na total separação do pesquisador em relação ao objeto de pesquisa.

A fenomenologia vai pensar a realidade, porém buscará ir além daquilo que está posto para as experiências sensíveis. Não se prenderá a um rigor sobre a objetividade e nem a uma neutralidade na relação entre pesquisador e objeto pesquisado, pois os procedimentos, segundo Bicudo (1994), são inseparáveis dos fenômenos pesquisados. A fenomenologia buscará compreender os fenômenos e como eles acontecem no mundo.

Nesse sentido, a fenomenologia apresenta três formas estruturais para as suas análises, são elas: a estrutura de partes e todos, a estrutura de identidade numa multiplicidade e a estrutura de presença e ausência. Segundo Sokolowski (2012), essas três formas estruturais podem ocorrer de forma inter-relacionadas, mas não podem ser reduzidas uma à outra.

A totalidade de um fenômeno pode ser analisada a partir de suas partes e estas por sua vez podem ser divididas em pedaços e momentos. Os pedaços são partes que podem se separar do todo e mesmo separadas não perdem sua essência, podendo chegar a formar novos todos. Já os momentos são partes que não se separam do seu todo, pois sua existência depende de sua ligação com o fenômeno total.

Um todo pode ser chamado um *concretum*, algo que pode existir, apresentar a si mesmo e ser experienciado como um indivíduo concreto. Um pedaço, uma parte independente, é uma parte que pode vir a ser um *concretum*. Momentos, contudo, não podem vir a ser um *concretum*. Sempre que eles existem e são experienciados, arrastam junto com eles seus outros momentos; eles existem somente misturados com suas partes complementares. (SOKOLOWSKI, 2012, p. 33)

Na estrutura de identidade em multiplicidade, o sentido dado ao fenômeno depende de como ele se apresenta, pois um e o mesmo fenômeno pode ser percebido de múltiplas formas em suas presenças e ausências, em seus lados, aspectos e perfis e através de partes e todos. Assim, “O ponto é que o fato idêntico pode ser expresso numa multiplicidade de modos e o fato é outro para uma e todas as suas expressões” (SOKOLOWSKI 2012, p.37).

O fenômeno sempre pode se apresentar em modos além daqueles já conhecidos. Contudo, a identidade não é dada a partir da multiplicidade do fenômeno, ela está além da dimensão da multiplicidade. A identidade está no próprio fenômeno e não em uma de suas formas ou na soma das formas possíveis de sua manifestação.

A identidade não é um membro da multiplicidade: o cubo não é um dos aspectos ou perfis, a proposição não é uma das sentenças articuladas, a peça não é simplesmente uma de suas performances. A identidade transcende suas múltiplas manifestações, vai além delas. A identidade não é meramente a multiplicidade de suas manifestações. (SOKOLOWSKI, 2012, p. 39).

O tema da estrutura da presença e ausência ou intenções cheias e vazias, segundo Sokolowski (2012), é completamente original na fenomenologia, pois os filósofos clássicos não focalizaram em uma distinção entre presença e ausência. O autor aponta que foi o ceticismo cartesiano sobre a realidade do mundo que trouxe esse tema para a fenomenologia.

A ausência ou intenção vazia é uma intenção a algo que não está posto como fenômeno concreto; como real à experiência, mas é algo ausente para quem o intenciona, ou seja, é visualizar a experiência de um fenômeno que ainda vai acontecer ou como se quer que aconteça. Já a presença ou intenção cheia é a experiência concreta com o fenômeno. Neste caso o fenômeno está manifesto e se coloca em sua presença física. É o fenômeno em si mesmo experienciado por quem o intenciona.

Portanto, o fenômeno é fundamental para a análise fenomenológica. O fenômeno, segundo Bello (2006, p. 17), “significa aquilo que se mostra; não somente aquilo que aparece ou parece”. É na compreensão e interpretação do significado do fenômeno que a fenomenologia se mostra. Assim, tomamos a fenomenologia como a reflexão de um fenômeno. O fenômeno, em uma perspectiva fenomenológica, é aquilo que se mostra para a consciência².

A consciência para a fenomenologia é a intencionalidade. Segundo Sokolowski (2012), a intencionalidade é o núcleo da fenomenologia, pois cada ato está direcionado a algum objeto de algum tipo, ou seja, cada intenção tem seu objeto intencionado na consciência.

Nós tentamos alcançar o “fora” fazendo interferências: podemos raciocinar que nossas ideias devem ter sido causadas por algo fora de nós, e podemos construir hipóteses ou modelos do que e como as coisas devem ser, mas não temos nenhum contato direto com elas. Alcançamos as coisas somente raciocinando a partir de nossas impressões mentais, não porque as temos presentes para nós. Nossa consciência, primeiramente, e acima de tudo, não é “de” qualquer coisa mesmo. Ao contrário, estamos tratando do que tem sido chamado um “predicamento egocêntrico”; tudo de que podemos estar realmente certos de início é da existência de nossa própria consciência e dos estados dessa consciência. (SOKOLOWSKI, 2012. p. 18)

A Intencionalidade é o meio de relacionamento do fenômeno à consciência, uma vez que a consciência não é algo fechado em uma “caixa mental”. Ela se relaciona tanto com o intramental quanto com o extramental. Desse modo, a consciência experiencia os fenômenos a partir da realidade.

A realidade é aquilo que está fora; aquilo que é experienciado pelos sentidos. A realidade é o que está no mundo. O mundo para a fenomenologia é aquilo que está relacionado com nossas experiências imediatas; é o concreto e atual experienciado; é o mundo-da-vida. É no mundo-da-vida em que vivemos e que percebemos os fenômenos.

² O significado de fenômeno vem da expressão grega *fainomenon* e deriva-se do verbo *fainestai* que quer dizer mostrar-se a si mesmo. Assim, *fainomenon* significa aquilo que se mostra, que se manifesta. *Fainestai* é uma forma reduzida que provém de *faino*, que significa trazer à luz do dia. *Faino* provém da raiz *Fa*, entendida como *fos*, que quer dizer luz, aquilo que é brilhante. Em outros termos, significa aquilo onde algo pode tornar-se manifesto, visível em si mesmo. (...) *Fainomena* ou *fenomena* são o que se situa à luz do dia ou o que pode ser trazido à luz. Os gregos identificavam os *fainomena* simplesmente como *ta onta* que quer dizer entidades. Uma entidade, porém, pode mostrar-se a si mesma de várias formas, dependendo, em cada caso, do acesso que se tem a ela.

Sokolowski (2012) mostra que a fenomenologia traz o mundo-da-vida como um contraste a ciência moderna, pois esta última tenta mostrar através de formulas altamente matemáticas que o mundo explicado pelas ciências é o único verdadeiro e o mundo em que vivemos é apenas um construto feito por nossas mentes.

Nesse sentido, a fenomenologia contrasta essa perspectiva da ciência moderna mostrando que as ciências exatas têm suas origens no mundo vivido, ou seja, essas ciências não criam um mundo novo, apenas transformam a experiência que temos direto com as coisas do mundo-da-vida. O que deve se levar em conta é a intencionalidade dessas ciências na compreensão dos fenômenos.

Segundo Bicudo (1994, p. 18), “a realidade é o compreendido, o interpretado e o comunicado”. Assim, não se pode pensar em uma única realidade, mas em múltiplas e dinâmicas, tantas quantas forem as interpretações a respeito dessa realidade. A fenomenologia apreende a realidade através da percepção do fenômeno.

É na percepção que o pesquisador se relaciona com o fenômeno, pois a percepção não ocorre no nada e sim em um “estar-com-o-percebido”. A percepção é aquilo que se mostra e torna-se visível, no entanto a percepção vai além do simples olhar o fenômeno, ela necessita de uma consciência que o experiencie. Portanto, é a percepção o centro do pensar fenomenológico.

Para a experiência fenomenológica é necessária uma percepção livre dos conceitos prévios a respeito do fenômeno experienciado. É necessário, segundo Sokolowski (2012), colocar entre parênteses ou em suspensão todas as noções que já se tem a respeito de determinado fenômeno, pois a análise fenomenológica deve ser feita somente a partir da experiência do fenômeno e não daquilo que o sujeito traz previamente em sua consciência.

Daí a necessidade de se separar a atitude natural da atitude fenomenológica, uma vez que ambas estão relacionadas. No entanto, para a análise fenomenológica, ambas precisam ser distinguidas. A atitude natural é quando nos relacionamos diretamente com as coisas do mundo, é quando estamos mergulhados nas nossas intencionalidades originais a coisas, situações, fatos ou quaisquer outros tipos de objetos que estejam relacionados com nossas experiências imediatas.

A maneira pela qual aceitamos as coisas no mundo e o mundo mesmo é um modo de *crença*. Quando experienciamos outras pessoas árvores,

edifícios, gatos, pedras, o sol e as estrelas, nós as experienciamos como sendo aí, como verdadeiros, como reais. O caráter básico, o modo padrão de nossa aceitação do mundo e das coisas nele é de uma crença ou, para usar um termo grego, *dóxa*. (SOKOLOWSKI, 2012. p. 54).

A atitude natural está baseada na crença no mundo, pois o sujeito se relaciona com os fenômenos como parte do mundo. Nessa atitude somos dirigidos para todos os tipos de coisas no mundo e este é o correlato de todas as coisas que nos podem ser dadas como experiências. No entanto, com o passar do tempo os sujeitos passam a suspeitar de algumas aparências da forma como as coisas se apresentam. Os sujeitos começam a perceber uma distinção entre ser e perceber os fenômenos, ou seja, os fenômenos nem sempre são o que aparentam ser. Para que essa distinção comece a acontecer é necessário transcender da atitude natural para uma atitude fenomenológica.

A atitude fenomenológica, segundo Sokolowski (2012), é um movimento que vai se desprender completamente da atitude natural, porém a partir de um modo reflexivo se concentrará a tudo da atitude natural, uma vez que é nesta última que os fenômenos são experienciados primeiro. O que acontece é que na atitude fenomenológica o sujeito transcende a atitude natural e passa a experienciar o fenômeno de uma forma única.

Desse modo, o sujeito que transcende para a atitude fenomenológica suspende todas as intencionalidades a respeito do fenômeno e se neutraliza em relação a ele. Isso não quer dizer que o sujeito se torne um especialista em uma forma de conhecimento, mas torna-se um filósofo, pois passa a experienciar o fenômeno de uma forma reflexiva.

Quando nos movemos na atitude fenomenológica, nos tornamos algo como observadores imparciais da cena que passa ou como espectadores de um jogo. Nós nos tornamos espectadores. Contemplamos os envolvimento que temos com o mundo e com as coisas nele, e contemplamos o mundo em seu envolvimento humano. Não somos mais simplesmente participantes no mundo; contemplamos o que é ser um participante no mundo e nas manifestações. (SOKOLOWSKI, 2012. p. 57).

O pensar fenomenológico, portanto, vem da experiência vivida na atitude natural no mundo-da-vida. A atitude fenomenológica é o fazer reflexivo da atitude natural. Na perspectiva de Bicudo (1994), é na experiência transcendental que se chega a uma reflexão fenomenológica, ou seja, a uma atitude fenomenológica. É a partir do momento

que se deixa de ser parte do mundo e passa-se a ver o mundo a partir de um olhar reflexivo que pode se falar em atitude fenomenológica.

Desta maneira, a fenomenologia está relacionada diretamente com o mundo vivido, com a realidade experienciada. Ela busca fazer uma análise dos fenômenos a partir de um olhar reflexivo racional. E essa análise fenomenológica dos fenômenos vai auxiliar nas pesquisas que buscam responder o mundo além de métodos matemáticos e positivos. O olhar fenomenológico vai ajudar essas pesquisas a ir além daquilo que está posto como real e que, segundo outras análises científicas, encerrariam em si mesmo a sua reflexão.

A fenomenologia como abordagem metodológica para Pesquisas Qualitativas

Ao propor fazer um estudo dos fenômenos a partir de uma perspectiva qualitativa tendo como base metodológica a fenomenologia, o pesquisador lança-se em um desafio de ir além das aparências e das regras teóricas que “sustentam” as ciências. Ele pretende buscar em uma aproximação às experiências humanas uma nova perspectiva para apreendê-las a partir de suas próprias dimensões enquanto fenômeno.

A respeito da pesquisa qualitativa, Flick (2014) argumenta que esse tipo de pesquisa tem crescido muito, com isso existe uma variedade muito grande de métodos à disposição, cada um partindo de diferentes premissas e buscando distintos objetivos, uma vez que cada método tem como base uma compreensão específica do objeto escolhido para ser investigado. No entanto, deve ter cuidado em pesquisas qualitativas para não se separar métodos do processo de pesquisa, como se existissem métodos independentes do processo de pesquisa e do objeto pesquisado. Na pesquisa qualitativa os métodos estão incorporados ao processo de pesquisa e ao objeto pesquisado e só assim poderão ser melhor compreendidos.

Nesse sentido, o ponto de partida é sempre uma interrogação. É a partir dessa interrogação primeira que o pesquisador se lançará na busca de compreender o fenômeno que pretende pesquisar e assim encontrar o método para essa investigação. E essa interrogação não se esgota, uma vez que a multiplicidade de manifestações do fenômeno não permite que as compreensões a seu respeito sejam finalizadas na resposta de uma única pergunta.

Segundo Fini (1994), a pesquisa fenomenológica busca descrever os fenômenos e não explicá-los a partir de relações causais. É no processo de descrição do fenômeno que se chega a sua essência e se pode compreendê-lo. Assim, a análise fenomenológica busca a partir da entrada do fenômeno na consciência, investigar de forma direta as experiências proporcionadas por dado fenômeno e compreendê-las sem pretensões de explicações causais ou generalizações teóricas.

Nesta maneira de pesquisar, não existem fatos ou acontecimentos em si, como realidades objetivas exteriores ao sujeito que as vivencia pois, não se admite dicotomizar mundo interior x mundo exterior como realidades em si, ou seja, o fenômeno a ser pesquisado não pode ser tratado como um objeto físico com existência própria. (FINI, 1994. p. 25)

Assim sendo, o fenômeno se manifesta para a consciência como resultado a uma interrogação. É necessário que o pesquisador interrogue sobre o fenômeno para que ele transcenda a consciência e deixe de ser apenas parte do mundo e possa ser compreendido fenomenologicamente sem que, no entanto, o fenômeno deixe o mundo. O fenômeno sempre acontece no mundo vivido. É na experiencição deste no mundo vivido que o pesquisador partirá para compreendê-lo.

Demo (2012) destaca que a interpretação só pode ocorrer a partir de uma outra interpretação. O pesquisador nunca parte de um fenômeno nunca interpretado, porém é nesse emaranhando de visões e interpretações a respeito do fenômeno pesquisado que o pesquisador buscará a essência do fenômeno, já que essas interpretações prévias não percebem o fenômeno além daquilo que está evidente. O pesquisador só poderá interpretar o fenômeno se afastar-se das interpretações prévias.

A pesquisa qualitativa, neste caso, irá abdicar de pressupostos, hipóteses, quadros teóricos explicativos, ou de um rigor de objetividade e buscará ir-a-coisa-mesma, ou seja, buscará a análise do fenômeno na experiência consciente do indivíduo, vivida de forma pessoal e única. É desse modo que a pesquisa qualitativa apreenderá a essência do fenômeno pesquisado.

Essência (eidos) refere-se a um objeto de um novo tipo, se comparada ao objeto individual que originou a primeira intuição empírica a partir da qual se torna possível a intuição essencial. A intuição essencial é uma essência pura pois já não possui conotação alguma da intuição empírica. (FINI, 1994. p. 25).

No entanto, segundo Garnica (1997), nunca se consegue apreender totalmente a essência do fenômeno, porém na própria busca por essa essência se encontra muitas compreensões possíveis. Esse deve ser o caminho do pesquisador. Não partir para uma compreensão total e única, mas buscar nas subjetividades as possíveis compreensões a respeito do fenômeno, visto que o fenômeno nunca é experienciado em sua totalidade. No caso da abordagem fenomenológica, a subjetividade não é evitada, ao contrário, é desejada, tendo-se em vista que o que é objetivo em determinado momento foi subjetivo em um momento anterior.

Nessa perspectiva, Flick (2014) fala que a pesquisa qualitativa não está baseada em um conceito teórico metodológico unificado, dado que várias abordagens teóricas com seus respectivos métodos podem ser usadas para a pesquisa qualitativa, como a fenomenológica aqui discutida, todavia em todas as abordagens os pontos de vista subjetivos relacionados ao fenômeno são o primeiro elemento de partida para a compreensão desse fenômeno.

Portanto, na pesquisa qualitativa fenomenológica, o fenômeno pesquisado pode, ao mesmo tempo, ser estranho ao pesquisador como familiar, uma vez que o fenômeno estudado é parte do mundo-da-vida, está presente no seu mundo vivido. No entanto, esse conhecimento familiar com o fenômeno não pode ser caracterizado como conhecimento fenomenológico, mas como noções prévias. Segundo Fini (1994), esse primeiro momento é chamado na pesquisa fenomenológica de pré-reflexivo, pois o pesquisador quer conhecer o fenômeno, mas ele ainda não está claro para ele.

Até aqui, o pesquisador ainda está na atitude natural, no empírico e se fizer a pesquisa somente até este ponto, estará fazendo o que Sokolowski (2012, p. 127) chama de psicologismo ou biologismo, ou seja, estaria tratando o significado da verdade como algo empírico e não como uma dimensão pertencente ao ser das coisas. Para a fenomenologia é necessário que o pesquisador transcenda as explicações empíricas, pois “além de sermos seres biológicos, psicológicos e subjetivos, também entramos como agentes no espaço das razões, entramos no domínio do racional, e quando agimos assim vamos “além de”, transcendemos nossa subjetividade”.

Assim, ao iniciar o caminho, o pesquisador deve deixar de lado aquilo que já sabe sobre o fenômeno que está interrogando. Esse deixar de lado as noções prévias é chamado na pesquisa fenomenológica de redução fenomenológica ou *epoché*. A *epoché*

na pesquisa fenomenológica é simplesmente neutralizar as intenções naturais a respeito do fenômeno.

É fundamental que, ao iniciar este caminho, o pesquisador deixe de lado a tudo o que ele já conhece a respeito do fenômeno a ser interrogado. Este momento é chamado de epoché e significa redução, suspensão ou a retirada de toda qualquer crença, teorias ou explicações existentes sobre o fenômeno. Abandonar, ou deixar de lado, por enquanto, os pressupostos ou pré-conceitos estabelecidos a priori a fim de permitir o encontro do pesquisador com o fenômeno. (FINI, 1994. p. 27).

Todavia, a redução fenomenológica não elimina as pré-noções do pesquisador, elas não deixam de existir, ele apenas deve colocá-las em suspensão. Isso quer dizer que o pesquisador não pode explicar e compreender o fenômeno a partir de teorias estabelecidas previamente. Mesmo que as teorias e pesquisas já realizadas sobre o mesmo fenômeno tenham consistência, o pesquisador deve, de início, afastá-las de sua análise do fenômeno, pois deve primeiro ir ao fenômeno em si, a forma como ele é intencionado.

A abordagem qualitativa fenomenológica está preocupada em aprofundar-se no universo dos significados dos fenômenos na experiência dos sujeitos, um lado que não é perceptível e nem captável em formulas, equações, médias ou estatísticas matemáticas ou teóricas. O fenômeno nesta abordagem se mostra como essência a partir de sua vinculação a existência, ou seja, o pesquisador procura compreender o fenômeno buscando sua essência no mundo-da-vida que se manifesta nas descrições ou discursos dos sujeitos em termos da experiência vivida.

A obtenção dos *dados da experiência* se dá através das descrições dos sujeitos que a vivenciam. Na pesquisa fenomenológica, os dados não são descobertos ou não existem *a priori*, mas se constituem na experiência do sujeito que os vivencia. Buscam-se os significados dos eventos vividos pelos sujeitos da pesquisa, obtidos através de expressões claras sobre as percepções que o sujeito tem daquilo que está sendo investigado e que são expressões descritas para o pesquisador, pelo próprio sujeito que as percebe. (FINI, 1994. p. 28).

Sendo assim, a região delimitada para a realização da investigação qualitativa fenomenológica de um determinado fenômeno deverá ser o próprio contexto no qual esse fenômeno se realiza. A região da pesquisa fenomenológica vai além da ideia de espaço físico ou geográfico, mas a um espaço que se caracterize em um contexto

ontológico, no qual se encontra os elementos essenciais para a compreensão do fenômeno pesquisado.

Segundo Fini (1994), o pesquisador só irá finalizar a coleta de dados, obtidos através das experiências e dos discursos dos sujeitos do fenômeno, quando esses dados se mostrarem suficientes para a compreensão do fenômeno e isso poderá ser percebido quando os discursos começarem a não trazer novos conteúdos significativos. Daí, o cuidado que o pesquisador deve ter com os dados coletados, uma vez que esses dados são relatados de diferentes maneiras e com múltiplos significados.

É no decorrer da interpretação fenomenológica que o pesquisador buscará analisar os significados do fenômeno e compreendê-los a partir de sua percepção, porém deve-se manter fiel ao fenômeno e não substituir ou colocar elementos no sentido dado a experiência. O pesquisador deve tomar cuidado para não cair no erro da imaginação.

Sokolowski (2012) analisa a imaginação como a criação ou deslocamento de elementos através da mente sobre o fenômeno. Nessa modalidade fenomenológica, o sujeito é deslocado em um mundo imaginário, porém imaginado no mundo real a partir das experiências no mundo vivido. A questão principal da imaginação é que ela é penetrada por um sentido de irrealidade. Nesse sentido, o fenômeno imaginado não é experienciado como real, pois a mente coloca elementos que o sujeito queria ter vivido ou pensa ter vivido.

Neste caso, o pesquisador precisa ser fiel ao fenômeno para não cair no erro de imaginar coisas que ele queria que fizessem parte do fenômeno, uma vez que as compreensões encontradas podem ser caracterizadas como abertas, pois, as interpretações das experiências do fenômeno são diversas. Desse modo, na pesquisa fenomenológica não se busca conclusões fechadas e nem se está preocupado com objetividade, já que existe uma abertura de possibilidades de diferentes interpretações a respeito do mesmo fenômeno.

Garnica (1997) mostra que a análise e compreensão dos fenômenos devem ser pautados em um rigor científico, porém na pesquisa fenomenológica esse rigor científico não está em um sistema de controle, normas, regras, leis, etc., mas na própria produção do conhecimento a partir da experiência do fenômeno estudado. É um rigor do próprio pesquisador que deve evitar interferências no fenômeno pesquisado.

Essa exigência do rigor obrigará o fenomenólogo a nortear-se por duas proibições: aquela de não recorrer a nenhum dado científico como fundamento teórico disponível a princípio, e a de não carregar para a região da filosofia o modelo discursivo próprio das ciências. Desse modo, abandonando referenciais prévios, constituem-se duas regiões discursivas distintas: a da fenomenologia como ciência rigorosa e a das demais ciências. (GARNICA 1997, p. 118).

Dessa maneira, segundo Flick (2014), os métodos de pesquisas qualitativas consideram a relação entre pesquisador e pesquisado como parte explícita da produção do conhecimento e não como uma variável que deve ser excluída ao máximo do processo de pesquisa. Assim, as subjetividades do próprio pesquisador e do fenômeno pesquisado são partes do processo de pesquisa que não podem ser excluídas.

À vista disto, Fini (1994) mostra que um fenômeno pode ter vários significados que estão ocultos ao pesquisador e isso é uma característica essencial desse tipo de análise, pois os fenômenos se mostram através da aparência, dessa forma não se mostram como uma totalidade, apenas uma parte se mostra, ou seja, o fenômeno experienciado nas suas presenças (aquilo que podemos perceber pelos sentidos) e ausências (aquilo que não podemos perceber imediatamente, porém sabemos que pode ser parte do fenômeno).

Portanto, compete ao pesquisador desvelar o fenômeno em sua totalidade tornando aquilo que estava ausente como presente. Isso só pode ocorrer na pesquisa quando o pesquisador sair do empírico e entrar no transcendental. É a partir da atitude fenomenológica que o pesquisador terá um domínio racional sobre o fenômeno e poderá compreendê-lo. Isso para a pesquisa qualitativa é fundamental, uma vez que está busca interpretar e analisar as relações de significação que se produzem nas relações sociais e como isso constitui configurações culturais, sociais, políticas, econômicas, religiosas, etc.

Considerações finais

A pesquisa qualitativa se mostra como uma grande ferramenta de investigação e traz uma nova perspectiva para a produção do conhecimento. Ela revela que fazer ciência não está ligado restritamente a determinados tipos de abordagens. O “fazer ciência” vai muito além de regras e métodos de pesquisa. Logo, a produção do

conhecimento científico acontece em uma relação de troca entre o sujeito que pesquisa e os sujeitos pesquisados.

Entende-se com isso, que a pesquisa qualitativa permite uma análise do fenômeno a partir dele mesmo e da forma como ele se apresenta. Portanto, essa modalidade de pesquisa está preocupada em compreender o fenômeno estudado e não em apresentar dados de uma realidade objetiva, pois as totalidades dos fenômenos são inesgotáveis.

Por isso tudo, a fenomenologia apresenta-se como uma abordagem muito útil para as pesquisas qualitativas, pois a fenomenologia busca pensar a realidade de uma forma que vá além da experiência sensorial. Portanto, essa abordagem busca compreender o fenômeno a partir da realidade e da experiência que se tem com o fenômeno, indo além das aparências e buscando em uma razão transcendental um novo olhar sobre o fenômeno.

Levando-se esses aspectos em consideração, a fenomenologia pode ser entendida como o fazer reflexivo do fenômeno no mundo-da-vida. Percebe-se que a fenomenologia está relacionada diretamente com a realidade empírica, porém ela não compreende essa realidade apenas do ponto de vista empírico, mas de uma atitude fenomenológica, ou seja, uma atitude transcendental.

Dado o exposto, percebe-se que a pesquisa qualitativa com abordagem fenomenológica possibilita ao pesquisador compreender o que no fenômeno é tido como obscuro, incerto, irreal, dinâmico, não qualificável, etc., sem com isso buscar um alcance pleno do fenômeno, pois o fenômeno jamais se mostra totalmente. Assim, o pesquisador que use essa abordagem para suas pesquisas obterá resultados referentes a uma perspectiva única de análise daquele fenômeno, pois a compreensão do fenômeno não se esgota, logo, as interrogações a respeito dele continuarão vivas.

Por isso tudo, pode se dizer que essa abordagem para a pesquisa é uma forma de revelar aquilo que tem aparência de não importância no fenômeno, mas que na verdade é onde encontra-se a sua essência de significação. O olhar além da aparência, o transcender o empírico é um grande desafio para o pesquisador, porém esse deve ser o seu primeiro objetivo na pesquisa. O pesquisador precisa fazer o exercício de compreender-se primeiro para partir à compreensão do mundo.

Referências

- BELLO, Angela Ales. **Introdução a Fenomenologia**. Bauru, SP : Eduse, 2006.
- BICUDO, M. A. V. **Sobre a Fenomenologia**. In. BICUDO, M. A. V e ESPÓSITO, V.H.C. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em educação**. Piracicaba: Unimep, 1994. p. 15 – 22.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa e Informação Qualitativa**. 5. ed; Campinas, SP: Papirus, 2012.
- FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2014.
- FINI, Maria Inês. Sobre a Pesquisa Qualitativa em Educação que tem a Fenomenologia como Suporte. In. BICUDO, M. A. V e ESPÓSITO, V.H.C. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa em educação**. Piracicaba: Unimep, 1994. p. 23 – 33.
- GARNICA, A. V. M. **Algumas notas sobre Pesquisa Qualitativa e Fenomenologia**. Interface — Comunicação, Saúde, Educação, v.1, n.1, 1997.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. In: **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n.3, 1995. p, 20-29.
- SOKOLOWSKI, Robert. **Introdução à Fenomenologia**. Trad: Alfredo de Oliveira Moraes; Ed: 3, São Paulo: Eduções Loyola, 2012.